

Tristão e Isolda: luzes modernas sobre o passado medieval, por Fernanda Verdasca Botton

Os nomes são conhecidos: Tristão e Isolda. O tema da obra mais ainda: dois jovens que sofrem por um amor proibido. Porém, se julgamos já saber como será o final deste enredo (rememorado em tantas histórias continuamente repetidas pelos lacrimosos filmes contemporâneos), vale a pena observarmos como a lenda celta destes amantes fatídicos tornou-se um filme que, dirigido por Kevin Reynolds, retrata o vazio de nossa cultura contemporânea.

Apesar do enredo ser temporalmente localizado no século VII, as primeiras manifestações literárias acerca destes dois amantes medievais apareceram somente quinhentos anos depois, entre os séculos XII e XIII. Nesta época, os trovadores celtas, nas fogueiras dos povoados ou nos castelos medievais, cantavam uma história repleta feitiço e do espírito medievo-cavaleiresco. Isolda, uma bela jovem irlandesa, por obediência aos desejos paternos, deve casar-se com o homem que lhe fora destinado: o rei Marc. Porém, desejosa de sentir o amor, a jovem convence sua mãe a lhe preparar uma poção. No navio, a caminho do matrimônio, Isolda conhece Tristão. Sentindo pelo rapaz uma forte atração, Isolda decide infringir seus deveres filiais e beber com Tristão o “*vinho feito de ervas*”. O casal é arrebatado por uma paixão violenta. Mesmo assim Tristão, que deve vassalagem ao seu rei, conduz a amada ao encontro de Marc. No mundo medieval, cenário desta lenda celta, a poção bebida traz o sofrimento àqueles que ousaram ser contrários aos ideais de um tempo: Isolda sofre por ser infiel não só a seu marido, mas também a seus pais; Tristão, por sua vez, tem seu martírio no fato de ser um cavaleiro que feriu um dos ideais mais preciosos de seu tempo, o de lealdade para com seu rei.

No filme de Reynolds, na festa de casamento de Marc e Isolda, os ideais medievais da lenda celta são mencionados pelo casal apaixonado. Em meio à musicalidade da festa matrimonial, pergunta Isolda a Tristão: “Se as coisas fossem diferentes, se vivêssemos num lugar sem deveres, você ficaria comigo?”. E ele responde a esta: “Esse lugar não existe”.

Primeiramente, vale a pena salientar que, no mundo construído pelo filme, o pai de Isolda, mais do que uma figura a merecer o respeito da filha, é um homem traiçoeiro cuja imagem só inspira desamor e rebeldia. Além disso, Tristão, mais do que um cavaleiro súdito de um rei soberano, é construído como o verdadeiro homem que deveria estar no poder. Sendo assim, ao olhar o passado de uma lenda rica em significados medievais, o filme consegue apenas dar uma desfocada imagem do que seria o sofrimento de *Tristão e Isolda*.

Contudo, não devemos julgar que a história destes amantes sofredores não possa ser recontada em nosso tempo: se no Romantismo Wagner soube transformar a lenda celta em uma obra prima do século XIX, resta-nos a esperança de ver surgir na nossa modernidade autores que, de maneira mais consistente, iluminem nas telas o sofrimento de *Tristão e Isolda*.